Anno II — OVAR, quinta-feira 3 de Junho de 1909 — Numero 58

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida
Redacção: Rua de St.a Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira
Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,,
Composição e impressão—IMPRENSA CIVILISAÇÃO
de Viuva Lemos & Gonçalves
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

A OBRIGA

FIEIS ALIADOS

Em 1896 na sua «Introdução e teoria da Historia da Literatura Portugueza» escrevia T. Braga:

«Desde que Portugal se achou colocado entre a Hespanha e a aliança ingleza, o mar foi-se tornando uma fronteira isolada; perdemos a India, e foram se á custa do nosso espolio enriquecendo duas novas potencias colonisadoras, a Holanda e a Inglaterra.

A historia de Portugal desde 1640 até ao prezente é unicamente o processo de uma longa decadencia.

Cultivou-se o terror da conquista hespanhola, para nos lançarmos incondicionalmente como servos da politica e da absorção industrial e economica da Inglaterra. A dinastia de Bragança, contentando-se com todos os aparatos teatraes da soberania, tornou-se um Kedivato da Inglaterra, que lhe dava em paga a segurança do trono. Conseguido isto, poderam os reis d'esta dinastia praticar todos os atentados contra a nacionalidade portugueza, esgotar-lhe as suas riquezas, abandonal-a á invazão inimiga, desmembral-a em interesse proprio, chamar contra ela intervenções armadas estrangeiras, porque nada disso lhe poderia abalar o trono. Para esta segurança bastou ir minando dia a dia o sentimento de Patria, e comprar aos *fieis aliados* o apoio com tratados que ou matavam as nossas industrias como o de 1810 ou que lhe entregavam os nossos territorios como o de Goa. O amortecimento do sentimento de Patria, deu essa decomposição dos carateres dos homens publicos, e deixou correr a afrontoza mentira de que a dinastia dos Braganças era o penhor da autonomia de Portugal. Se a educação jezuitica, desde 1555 até 1759, foi apagando constantemente nas jerações o sentimento da *patria* portugueza, o final d'esta decomposição acha-se ligado aos sofismas liberaes do rejimen da Carta outorgada, em mais de meio seculo de depressão moral, intelectual e social».

A citação vem a ponto da negociação admiravel que fizeram os inglezes com o tratado Lourenço Marques—Transvaal. Tem sido assim que á Inglaterra tem pertencido o mais rico, o melhor das nossas colonias, assim será, pelo resto, se não tivermos o civismo, a corajem de não consentirmos que a expoliação continue. A Inglaterra e os nossos reis entendem-se á maravilha no simplismo dos cambalachos: dá-me cá tu Bombaim, dá-me cá Tanjer, dá-me as terras do Chire que eu te livrarei... de couza nenhuma. A Inglaterra, não é o nosso inimigo, como tampouco nunca foi o nosso aliado; o que ela é, simplesmente—é o ventre que nos devora. Quando não nos leva as colonias arruina-nos as industrias, quando estas já lhe não fazem competencia aniquila o nosso comercio. Livra-nos da Hespanha entregando-lhe no passado a nossa rejião de Olivença, no prezente formando com ela um dos apoios da sua *entente*. E' nossa aliada nunca nos defendendo; é nossa aliada para a servirmos, para a engrandecermos em continentes, para a enriquecermos em ouro. Lourenço Marques, que o novo tratado lhe entregará tarde ou cedo, se é para nós uma recordação punjitiva, deve sêr, por menor dos males, uma advertencia, um avizo. Ele nos mostra, em ultima instancia, que nisso, como no mais, a monarquia nova segue ortodocsamente a *feliz*, a *digna*, a *nobre* tradicção brigantina: D. João VI, sob esse ponto de vista, continua a dar tom á côrte.

E' o facto brutal, contra que, inutilmente, se recorrerá a paliativos; visto que a historia nunca é feita da materia mole dos aulicos. A aliança ingleza é uma exploração de partido, uma burla da monarquia constiticional;— a dedicação patriotica da dinastia é uma falsidade evidente. Os reis de Portugal por habito, por educação, por disparidade de sentimento e por doutrina politica teem sido, sempre!—antiportuguezes. Provaram-o ainda uma vez—apoz tantas provas historicas—com o atual e infamante tratado—obra de inepcia, de desprezo pelos nossos direitos, de desconsideração pelo nosso brio.

*

Mentira completa erro—em tudo—este nefasto e dissoluto regimen.

«A aliança ingleza» é aliança que não existe, é acordo diplomatico que não temos. Todavia desde tempo imemorial o podêr, entre nós, uza e abuza d'essa mentira. Ha uns cinco anos, quando os boers n'uma rezistencia suprema tinham em cheque a Inglaterra rapace, foi em nome d'essa aliança—essa mentira, essa falsificação de governo!—que pela Beira demos passajem ao inglez. Consequencia a derrota, a eliminação das republicas sul-africanas. Crime de leza-traição, crime de sicarios perpetrámos á face do direito, e guiados ao acto dezonrozo... pelo estadista Veiga Beirão. Agora, fados cumprindo-se, o mesmo Transvaal *inglezado* vinga-se de nós, liquida a conta em aberto. A traição, que nos dezonrou nessa guerra foi uma conveniencia dinastica; o tratado que nos expolia agora é uma **étrenne** manuelina. Será a ultima, se s. majestade incombinavel com os ares do reino tiver de passar o fim da mocidade radioza em qualquer retiro do estrangeiro; será a primeira do seu reinado se tudo ficar como d'antes. Quiçá será assim mesmo, que nesta decaída e pobre terra portugueza tudo se rezolve em um cretinismo egoista e numa indiferença mortifera. O tratado de Lourenço Marques com o Transvaal, pela virtude do qual a nossa rica possessão passa, por amigavel acordo, a fazer parte dos diamantes da *generoza e boa aliada* ingleza... Não era precizo mais, em paiz de jente, para uma Revolução vingadora.

Antonio Valente.

A assistencia publica em Ovar

—

Desvirtuam-se e sophismam-se em unisono os nossos dizeres a respeito do assumpto da epigraphe, descendo-se ao doesto, que avilta, quem o usa. Tinhamos tanto que responder, podiamos fazer um estirado artigo sobre o «tu te fâches, donc tu as tort», mas ha coisas para que não sentimos vocação e a verrina insultuosa é uma d'ellas.

Em paz...

João Vareiro.

Ex.mo Snr. Director

Peço-lhe a fineza de dar publicidade ao que se segue:

Quem tiver lido os periodicos de Ovar durante o corrente mez imaginará haver-se desencadeiado ahi um temeroso temporal que convulsiona a sociedade e ameaça subverter a Misericordia prestes a surgir no mais risonho e fagueiro alvorecer. E teria vontade de proferir o famigerado *quos ego* para applacar as ondas embravecidas e na mais suave bonança e com ventos galernos fazer fundear a sympathica instituição no porto seguro e aprazivel da excellente indole dos vareiros.

Puro engano! Essa apparente agitação não tem passado d'uma tempestade em um copo d'agua.

Ella se dissipará quando uma pouca de reflexão fizer vêr a todos que não ha motivo, por minusculo que seja, para ser abandonada a energica serenidade com que Ovar se tem proposto realisar o seu bello ideal caritativo.

Com effeito todos estão compenetrados da extrema necessidade que ha de estabelecer a Misericordia para beneficio dos desvalidos, até agora cruelmente abandonados, e para garantia da prosperidade e para honra e gloria d'Ovar que tanto o merece pelas excellentes qualidades de seus filhos.

E todos teem empenhado o melhor da sua boa vontade, por modo que muito os nobilita, de harmonia com o logar que lhes competiu na grandiosa campanha, com o seu temperamento e com o vulto dos seus haveres.

Todos dispensam á Commissão Executiva, sem exclusão de algum dos seus membros, a consideração e veneração que merece pelo seu improbo esforço e pelo intelligente acerto da sua orientação. Todos, incluindo na primeira plana a Commissão Executiva, tributam aos benemeritos que formavam a troupe dramatica d'amadores agora dissolvida, a maxima gratidão pela gentileza da sua cooperação no bom exito da Misericordia com a realisação expontanea dos espectaculos do Carnaval e da Paschoa.

Posto isto, porque nos surgem de lança em riste, extremados em dous campos oppostos a degladiarem-se violentamente, a ex-troupe dramatica e dous membros da Executiva que em cousa alguma estão em divergencia com os outros?!

Seria incomprehensivel, sabendo-se demais que os d'um lado professam a maior estima pessoal pelos do outro, se não fosse explicado pelos velhos habitos de combatividade d'Ovar, habitos tão inveterados que arrastam os espiritos mais lucidos e serenos e que deviam a elles eximir-se pelos dictames da sua razão esclarecida e pelas suas crenças muito superiores a tão mesquinho criterio. Certo é, pois, que a consciencia mais forte e a vontade mais energica não consegue d'um momento para o outro evitar a influencia funesta dos maus habitos quando muito radicados pela sua longa diuturnidade.

O facto originario de tal celeuma, explicado como já foi o seu intuito não offensivo, é bastante futil para merecer que homens dignos a elle sacrifiquem o futuro da sua patria e a benemerencia a que teem direito pelo seu nobre proceder.

E' tempo, meus senhores, de depôrem as armas com que acremente se aggridem, e de empenharem todos a energia, que assim desbaratam ingloria e nefastamente para Ovar, em beneficio da causa que a todos interessa por signal. Deem-se as mãos, que nunca foram inimigas, e n'um esforço ingente que só a união torna viavel, assentem a Misericordia d'Ovar no seu pedestal de gloria, solido e cada vez mais estavel, a diffundir os beneficios incomparaveis por que todos almejam.

Já fizeram muito, e ninguem tem direito a regatear-lhes louvores, mas muito mais lhes falta levar a effeito.

Não inutilisem por um orgulho mal entendido o que teem feito e que para Ovar, até agora tão amargurada e vilipendiada, é uma fagueira e risonha esperança.

Permittam-me a immodestia de lhes dar o exemplo. Protestei em 4 e 5 d'este mez não mais me importar com a Misericordia d'Ovar e aqui estou a quebrantar esse protesto. E impenitentemente o faço com ufania.

Esqueçam todos os membros da Commissão Executiva e da ex-troupe dramatica pequenas beliscaduras, muito inferiores ao nobilissimo ardor com que se teem empenhado na implantação da Misericordia, cessem a refrega que á imprudente e até barbara quando teem á vista o implacavel e temeroso inimigo da sua terra, a miseria sem remedio nem allivio. Emquanto ella campeiar infrene não lhes é permittido malbaratar as suas forças em pugnas inuteis e odiosas como são todas as pessoaes.

Se a ex-troupe dramatica quizer reconsiderar na sua dissolução, determinada meramente por um impulso inconsiderado de despeito alçado por exagerada susceptibilidade a altos melindres pessoaes, bem merecerá d'Ovar e da humanidade que tanto tem apreciado os seus meritos e o seu proposito generoso. Quando não o faça, certo estou que os seus membros, perfeitos cavalheiros como são, não deixarão de coadjuvar a illustre e benemerita commissão de senhoras quando reclame a sua cooperação individual para a realisação do sarau projectado em beneficio da Misericordia. Individualmente não tem logar qualquer compromisso collectivo que hajam tomado, já sem razão de subsistir pela inconsistencia da causa que o determinou, e não lhes faço a injustiça de os suppôr capazes de affrontarem com uma negativa o bello sexo que foi sempre timbre dos homens acatar e honrar.

Convenço-me que nada do exposto será levado á conta de desvaneio meu para honra dos meus conterraneos e gloria da terra em que vimos a luz e que muito se desvanecerá de possuir filhos que tanto a estremecem.

Alcobaça, 31 de maio de 1909.

Francisco Baptista Zagallo.

ECHOS DA SEMANA

Verdade... dissidente

Na carta de Lisboa do «nosso Janeiro» Alpoim puxando a braza ao seu carapau escrevinha mentirolices e falsidades que farte.

Lá diz ele: «A «Lucta» é a unica gazeta republicana de valor que está agredindo os dissidentes, encontrando-se n'esta campanha com os progressistas, os clericaes e o jornal da burnaysia».

Ora nós que temos lido todos os dias o jornal incriminado pela dissidencia temos visto, precizamente ao contrario, que a «Lucta» se tem limitado á defesa propria, nada mais tendo feito que á boa paz desfazer as mentiras, as insinuações e o veneno de «O Dia». Mas Alpoim anda rabiozo e vá de dar satisfação ao *naturel* insubmersivel. D'ahi mentir e intrigar, emquanto não pode vingar-se a murro. Que lá chegaremos: —está ali o sangue insofrido focando um novo *liberal* João Franco.

Marinha de Campos

Afinal ficou-se em fumo a perseguição a este illustre e considerado oficial da armada. Recuou-se ante uma perseguição que reprezentaria uma infame vingança pessoal, e bem aconselhado andou o ministro que soube evitar o espinho. Não ha nada como o juizo—mesmo na cabeça dos ministros e secretarios de estado.

A Dissolução

Como dizia o padre Gaspar de «A Brazileira de Prazins»: ele parece que ha coisa, isto é—que ha dissolução. Já ela aparece, discretamente, fazendo-se notada, já ela diz nos jornaes, visto que eu sou pela certa, porque não já, imediatamente?... Sim a dissolução, para qualquer dia do mez que vem, que é tempo de pagodeiras, e depois lá para o cair das folhas eleições pela ignobil indispensavel. Tudo é possivel, e mesmo a palavra de honra do rei precisa de esses cordeaes, desses estimulantes vivificadores. Para corresponder é claro, á sabedoria das nações do velho e martirizado rifão.

Uma excursão

Os nossos correlijionarios do Porto levam a efeito, no dia 20 de ju-

nho, a sua excursão a Aveiro. Realizar-se-ha a «merenda», implantada no nosso meio com admiravel exito pela excursão de Viana, no pittoresco e agradabilissimo sitio da Gafanha, maravilhoso logar de paisajem marinha. E o entusiasmo, a cordealidade republicanos darão mais uma vez a sua colheita de revigoramento da fé comum.

«Cartas politicas»

Ao conselheiro José Maria de Alpoim Cerqueira Borges Cabral, ex-revolucionario e futuro prezidente de conselho, dirije João Chagas dois formidaveis pamfletos, modelos de incizão, de eloquencia, de rude e sobria verdade.

Uma e outra d'essas historicas «Cartas» seriam a morte implacavel do politico troca-tintas, se não fosse Portugal a terra dos desmemoriados e dos 80 e tal por cento. Assim, não corre esse risco o grosso cilindro da dissidencia.

Primeira nuvem

Os rejeneradores bloquistas do «Diario Popular» andam a defender, francamente, a dissolução das côrtes; os dissidentes bloquistas de «O Dia» atacam tal atentado. Prevalecerá, por melhor das probabilidades e por mais natural das hipotezes a opinião bloco-rejeneradora da dissolução immediata, e como a bloco-dissidencia é hostil ao golpe de estado não deixaremos de assistir á separação de bens e pessoas de rejeneradores e alpoinistas. Mantendo a coerencia partidaria e obedecendo aos... *principios* veremos a dissidencia, livre e só como o cid, passar a guerrear o governo, reu de crime constiticional; o que não impedirá Wenceslau de Lima de conduzir a dissolução ao porto de salvamento... de umas eleições com a ignobil porcaria. E, então, para lhe castigar o *frondismo*, a dissidencia vêr-se-ha roubada nas eleições; o que erguerá no «Dia» tempestades de poeira e cataclismos de perdigotos. Esta profecia quase que iriamos garantil-a, se não se desse o motivo do nosso respeito pela sabedoria dos proverbios do Borda-Leça, assim, modestamente diremos que pode sêr isto ou que pode sêr o contrario; ao sabor dos desejos, da aspiração e do credo de cada um, conforme o debate e a teima dos palpites ou das paixões.

Comicios, comicios!

Com concorrencia admiravel realizou-se domingo o segundo comicio de protesto contra o tratado transvaliano.

Visto que está o parlamento fechado os nossos deputados, com não menor proveito, em comicios publicos vão percorrer o paiz, e o Directorio hade levar a toda a parte o indignado e calorozo protesto dos portuguezes—que o são verdadeiramente. O contracto que se discute e que se censura tem duas gravissimas faltas: é um agravo, uma ofensa e um repto ao parlamento; é uma manifesta, clara, indesculpavel sofisticação da lei.

Isto alem das condições leoninas em que está feito, isto alem das consequencias, de facto, a que conduz.

Todos, pois, devem protestar e combatel-o, e se só os republicanos estão em campo nesse patriotico dever é porque os monarquicos fojem, tráem a cauza da patria. Os rejeneradores, os dissidentes, ainda ha menos de um mez apelavam para os comicios, pediam que se protestasse:—mas alto, mas forte e rijo. A situação não mudou, nem o tratado de então para cá perdeu os seus vicios e os seus defeitos. Por isso embora sós—prosiga-se, e levante-se em todo o paiz um coro de protestos—que fique.

Aos comicios! A' lucta!

Um felizão

Mistral, de todos os poetas celebres é o primeiro que se conhece autenticamente feliz—da consagração dos contemporaneos. Conta a sua biografia a creação do *Mireille*, poema de glorificação provençal, o resurjimento do *felibrigue*, a literatura e a lingua rejionalistas, e a fundação do museu languedociano onde a velha patria e a alta, antiga civilisação revivescem, reprezentadas criticamente. Em troco Mistral é idolatrado por todo o bom provençal, admirado de toda a França, estatuado em vida e festejado na sua cidade—Arles; e ainda favorecido com o premio Nobel—umas dezenas de contos de que Mistral se serviu... para o seu querido museu. Sem desfazer—muitos mais mereceu Luiz de Camões—para receber n'umas palhas a consideração e a esmola do Jau escravo; e muito mais tem sido Junqueiro... para o agatanharem e ferirem milhares de bestinhas portuguezissimas.

Garrotando

Fez-se uma Revolução na Turquia—para dar que fazer á forca, tal a concluzão a que já chegámos.

Dia abençoado da *hezira* que aqueles figurões jovens turcos não honrem com uma duzia de execuções, póde considerar-se sem erro—um dia quase perdido. Tem havido diarias de quinze, de vinte e trinta, e dizem os telegramas que a função continuará. No entretanto Abul-Hamid em Salonica continua de excelente saude e amiguinho como sempre, cercado das suas onze mulheres, apoiadinho no seu dinheiro, na sua rica lista civil, como se fosse—um inocentinho. Vão indo os desgraçados que ele arrastou ao golpe de estado visto que a justiça jovem turca é justiça de grão turco, com rotulo novo—por diferença unica; mas não se toca no ex-mandante dos crentes e ex-enforcador do seu povo.

E' o disparate mais incongruente e dos mais condenaveis da historia aquela rica mascara de *juventude*.

Uma polemica

«Por isso .. parabens á *Patria*.

Sempre nos quiz parecer que o bom senso do seu director não se coadunaria facilmente com tal doutrina mas o local da publicação do artigo... Emfim não será de mais renovar os parabens á *Patria* por se haver livrado da espiga que o João Vareiro lhe ia introduzindo em casa durante a auzencia do seu director».

Ne varietur isto lê-se na *Discussão* de domingo ultimo e devemos declarar expressamente ao colega que se engana, de todo em todo, seja o que fôr que queira dizer a sua alusão anodina, na tal passajem da espiga de que nos livrámos... na conjuntura de uma auzencia qualquer. Os parabens aceitamol-os, porque o que é dado de boamente mete-se ao saco para o caminho, e quanto ao resto que é afinal o principio e fundamento de escandalo, quanto ao resto temos a dizer que na *Patria* a doutrina não nos magôa, nem nos fere, nem nos agrava. «Está em contradição com o jornal» veem-nos dizendo os milhares de assomadiços espiritos que muito prezam e amam a nossa folha corrida... Ora senhores, não se incomodem com o rapazote, modos de dizer—cá a folha. Não está em contradição nos seus actos, quando muito pode dizer se que houve ahi diverjencia—concessão maxima aos que choram as contradições mais que hórriveis. Nós, valha a verdade, nem vimos isso, lá porque João Vareiro tivesse tido a *audacia* de aconselhar aos patricios que socorressem, primacialmente, a Mizericordia de Ovar.

Casa roubada

Afirmam jornaes que o ministro dos estranjeiros está trabalhando «activamente» na questão dos sanatorios da Madeira. Devem ainda lembrar-se que o caso metia principes e comendadores... da penitenciaria e em materia de roubalheira era aceiado no seu processo—o de uma rede de arrasto.

Pois trabalha para o rezolver sua senhoria o ministro, de parceria naturalmente com o prezidente do conselho—velho conhecedor da questão que ajudou a enrascar. N'outra parte, onde houvesse juizo e moralidade admnistrativa estava já e ha quanto tempo rezolvida esta indecente questão de batoteiros e *escroqueries*. Mas como, pela inepcia dos nossos ilustres estadistas, é cazo de uma forte indemnização a pagarm'os vá de deixar correr o marfim para que o tempo se escoe e faça aumentar a esportula.

Ha um ano, o cazo dos sanatorios da Madeira custava muito menos que custa hoje, d'aqui a mezes mais ainda nos custará. O Zé é quem paga, deixa correr, deixa peiorar... para não se estar com costumes novos.

ARA

Altos pinheiros sétuajenarios
e ainda empertigados sobre a serra!
sois os Enviados—extraordinarios,
e embaixadores d'El-Rei Pan, na Terra.

A' noite, sob aqueles lampadarios,
conferenciaes com ele... Ha paz? Ha guerra?
e tomam notas vossos secretarios,
que o *Livro Verde* secular encerra.

Hirtos e altos, Tayllerands dos montes!
Tendes a linha, não vergaes as frontes
na exijencia da côrte, ou beija-mão!

Voltaes aos Homems com desdem a face...
Ai oxalá! que Pan me despachasse
adido á vossa extranha Legação!

Antonio Nobre.

Ainda a dissolução da "troupe,,

Vim a publico contrariado e só depois de provocado pela publicidade de um artigo, que accusava alguns membros da Commissão Executiva, mas não estou arrependido de o ter feito. antes me sinto contente por vêr um assumpto, que andava *cochichado* e discutido azedamente por todos os cantos, reduzido á expressão mais simples, isto é ao minusculo roedor, que com espanto geral se desentranhou da lendaria montanha.

Para o leitor sagaz, imparcial e justo, era dispensavel voltar ao assumpto, porque nada do que affirmamos foi destruido, e, se não foi confessado, o que teria o grande merito da lealdade, adoptou-se uma fórma dubia, a interrogativa, que póde calar n'algum espirito menos cauteloso. Ora como eu quero apurar a verdade, toda a verdade, volto á pugna e voltarei tantas vezes quantas fôrem precisas para que tudo fique bem claro. Quem soffre com isso é a «A Patria», a quem roubamos o espaço tão necessario para zurzir os vicios de que enfermam as administrações publicas *de capite ad calcun*, mas não perderão pela demora.

* * *

A maior parte dos nossos argumentos ficaram sem resposta, porque, pertencendo á classe dos axiomas, eram irrespondiveis. Assim: não se persistiu na affirmativa de que *alguem da troupe se nos tivesse dirigido* a pedir a fiscalisação do theatro, não se tornou a dizer que se tinha feito egual pedido á Commissão Executiva, não houve coragem para attribuir de novo ao seu illustre presidente a celebre phrase «tractem cá d'isso», nem se tentou refutar o nosso raciocinio, de que era desarrazoado uma resolução, que ia prejudicar a Misericordia, só porque dois ou mais homens tinham tido o máu gosto ou até a *perversidade* de melindrar os amadores. Note-se que os proprios amadores chamaram *melindre* ao hypothetico aggravo, e é por coisa tão futil, que se tomam resoluções tão radicaes.

Do grande castello de aggravos, que nos atribuiram, pretendem deixar de pé a scena da loja do snr. Alves e o pseudo-gracejo da porta do theatro. São tão frageis, que vamos tratal-os com cuidado para os não magoar. Ora vejamos.

Quem allega, prova, e a S. Ex.as, que apresentaram um articulado contra nós, é que competia fazer-lhe a prova. Podiamos limitar-nos a contestar por negação, mas, contra todas as praxes, estavamos dispostos a fazer a prova documentada da inexatidão dos assertos dos nossos adversarios, desistindo porém, d'isso, visto que a contenda ficou reduzida áquelles dois.

Na loja do snr. Alves *chantreou-se* com o caso, dizendo-se «vamos ter uma casa cheia, apezar de na Paschoa costumar ir ao theatro pouca gente.

E' maneira de haver mais animação! Dizem que não ha fiscalisação, entra todo o mundo».

Sentindo-me visado, provoquei a discussão do caso, que me foi negada, e era possivel, se bem que já muito difficil, que no fim d'ella se chegasse a um accordo.

Pois eu podia porventura pôrme á disposição da *troupe*, quando um dos seus membros, que estava commigo nas melhores relações, em logar de se me dirigir directamente, *bordou espirito* para me alfinetar, estando eu de mais a mais convencido de que me não competia a fiscalisação?! Não; todos nós temos o nosso pundonor, e o meu não era tão exagerado, que, apezar de tudo, não dissesse ao snr. Mello, meu hospede, que estava resolvido a auxiliar *pessoalmente*, pois só n'essa qualidade o poderia fazer, a fiscalisação.

O gracejo da porta do theatro passou-se, como já narrei, mas de qualquer modo não tem importancia nenhuma.

* * *

Eu poderia aproveitar-me de uma serie de contradições, em que cahiram os meus illustres contendores, se o meu fim fosse vencel-os.

Poderia perguntar-lhes, como é que se surprehenderam *á noite* com a falta de fiscalisação—e tanto que tiveram de a fazer—e já me tinham interpellado sobre o assumpto *de tarde*, obtendo a resposta «não tenho nada com isso»; poderia pedir-lhes o favor de me explicarem como é que, tendo reunido a instancias de uma illustre dama, fôram resolver a dissolução sobre a pretenção d'ella. Sim, porque a logica não é *uma batata* e obriga ao seguinte raciocinio: se não tivessem reunido não se teria votado a dissolução, mas a reunião foi provocada por essa illustre dama, conforme confessam; logo a dissolução votou-se para lhe não satisfazer o pedido.

Etc., etc.

Mas n'esta questão não quero fazer exercicios de dialectica mais ou menos subtil, desejo apenas apurar toda a verdade sem me aproveitar de *pequenas escorregadellas*.

* * *

As referencias pessoaes devolvo-as sem sequer usar da formula dos advogados, apezar de rabula, que protestam aproveitar tudo o que fôr favoravel, contestando por negação tudo o que não convier á parte.

Chegou uma altura da discussão, em que devia manifestar-se para commigo a consideração pessoal dos signatarios dos artigos, se alguma eu lhes merecia: foi quando se viram em face de duas affirmativas contradictorias, uma feita por mim, outra pelo amador, que os informou; eu negando o facto, elle affirmando-o, e ambos com a mesma prova, a sua palavra. Era natural que hesitassem pelo menos. Pois bem! não houve a mais leve hesitação, subscreveu-se um artigo em que, fazendo-se taboa raza da minha palavra, se dá inteira fé á outra affirmação.

A quanto obriga a parcialidade!

Isto não vem como queixume, nem eu sou capaz de me queixar de affrontas—essas repillo-as, devolvendo-as intactas á origem,—mas para mostrar o facciosismo de quem n'outras circumstancias seria incapaz de tal procedimento.

Para finalisar quero alegrar a *troupe* e todos aquelles a quem a *minha gloria* faz sombra, dando-lhes a noticia de que felizmente não demora muito, que se desfaçam todas as incompatibilidades, pois que, approvados os estatutos e feita a eleição da Meza, eu desapparecerei *officialmente* da Misericordia, que poderá então continuar a receber os seus beneficios. Entrei na Commissão Executiva com sacrificio, a instancias e por consideração pessoal; tenho-me conservado com mais sacrificio ainda e tambem por consideração pessoal e já agora chegarei ao fim, que não vem longe.

Eu já tinha, senão a consciencia, pelo menos o presentimento da minha incompetencia.

Tudo será sanado e a Misericordia ha-de progredir. Pela minha parte nada obstará a que lhe dê todo o meu concurso, porque não serão quaesquer conflictos pessoaes, que me farão mudar de pensar e proceder. Se porventura perceber que os meus serviços prejudicam, ainda prestarei á Instituição o de me retirar.

Abaixo vem publicada copia da acta da Commissão Executiva, que eu julguei necessario para mais cabal esclarecimento do assumpto.

Ovar, 1 de junho de 1909.

Domingos Lopes Fidalgo.

(POR COPIA)

Acta da sessão de 27 de maio de 1909.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil nove centos e nove aos vinte e sete dias do mez de maio em Ovar e gabinete do ex.mo dr. Delegado d'esta Comarca aonde se achavam reunidos os membros da Commissão Executiva, com excepção do dr. Domingos Lopes Fidalgo, que foi chamado em serviço medico, pelo presidente foi aberta a sessão e apresentada por incumbencia do membro dr. Fidalgo, visto ter tido necessidade de sahir, a seguinte nota:—«Precisando para fins convenientes que a Commissão executiva se pronuncie sobre as perguntas abaixo mencionadas, venho pedir a v. ex.a, snr. presidente, se digne ouvir os membros d'esta commissão sobre ellas. Mais desejo que esta minha petição seja exarada na acta e se me dê copia da parte da acta que a contiver com as respostas.

Primeira Pergunta.—Tratou-se alguma vez n'esta Commissão do assumpto—fiscalisação do theatro na Paschoa?

Segunda.—Esteve esta Commissão alguma vez convencida de que lhe impendia essa fiscalisação?

Terceira.—Commetteu esse encargo a algum ou a alguns dos seus membros?

Quarta.—Julga que os membros Chaves e Fidalgo tem alguma responsabilidade no assumpto alem da que cabe a toda a Commissão?

Ovar e sala das sessões, 27 de maio de 1909.

Domingos Lopes Fidalgo.

Posta á discussão foi resolvido responder o seguinte: á primeira pergunta—que em nenhuma das sessões d'esta commissão se deliberou a fiscalisação do theatro d'esta villa na recita que foi dada pela Paschoa em beneficio da Misericordia, por isso mesmo que lhe não foi pedida pela *troupe* de amadores, mas unicamente a comparencia da musica.

A' segunda e terceira nada se responde em face da resposta dada á primeira e á quarta pergunta: que os membros drs. Chaves e Fidalgo no assumpto fiscalisação nenhuma responsabilidade teem pelo que fica dito. Deliberou-se mais, em harmonia com o pedido feito, entregar copia d'esta acta ao membro dr. Fidalgo. Não havendo mais nada a tratar foi levantada a sessão. Declara-se que o membro dr. Chaves não discutiu a nota apresentada nem votou nas deliberações tomadas.

E por esta forma se concluiu esta acta que vae ser assignada pelos presentes, lida por mim Frederico Ernesto Camarinha Abragão, secretario que a escrevi e assigno.

José Luciano Correia de Bastos Pina.
Pedro Virgolino Ferraz Chaves.
Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.
Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

Tendo-me visto directa e rudemente visado como membro da Commissão Executiva da Misericordia d'Ovar, n'um communicado assignado por 7 dos amadores que constituiam uma antiga troupe, tenho como dever, dizer de minha justiça.

Só contrariado venho para a imprensa, e apenas obrigado por a necessidade de me defender no campo em que fui atacado.

Venho um pouco extemporaneamente talvez, sobretudo depois da polemica ter sido dada por finda por os signatarios d'esse communicado. Mas tenho a certeza de que elles serão n'esse ponto os primeiros a desculpar-me; elles sabem o porquê d'essa demora e eu sei tambem o que sobre isso mesmo lhes devo.

A certeza, porém, de que me não respondem e que eu sei não ser descortezia para commigo, confirma-me no proposito que já tinha de não lançar uma nota irritante na terminada polemica.

42 dias depois do espectaculo da Paschoa apparece a primeira accusação aos meus actos; as provas de deferencia, de verdadeira estima e até d'amizade que durante elles e depois d'elles recebi d'alguns dos signatarios e muito especialmente n'uma occasião que, ainda que muito outro fosse o meu feitio, mas não deixaria esquecer, certificam-me claramente e com muito aprazimento meu, que não ha o mais pequeno melindre pessoal.

Sou pois atacado *exclusivamente* na minha qualidade official de membro da Executiva.

E' inutil responder aos pontos em que conjunctamente com o snr. Dr. Fidalgo fui atacado; elle fêl-o cabalmente e em plena concordancia com o meu modo de pensar, embora me não tivesse ouvido.

D'isso divirjo apenas um pouco se não é confusão minha: parece-me deprehender que elle não se suppõe com *obrigação* de, como *membro da Commissão Executiva* se encarregar da fiscalisação; eu entendo que elle, eu, ou qualquer outro, *não tinhamos sequer o direito de o fazer* desde que isso não tinha sido tratado nem resolvido em sessão, como não foi.

Vamos pois ás accusações individuaes.

A phrase do ex.mo presidente já affirmada como menos verdadeira «tratem cá d'isso», não é realmente verdadeira. Confirmo-o apenas porque sendo eu o vice-presidente da Commissão, só a mim s. ex.ª a poderia ter dito sem desconsideração de que é absolutamente incapaz.

Nem ella valeria nada a não ser tratada em sessão; revestiria fóra d'isso uma *ordem* o que tambem s. ex.ª seria incapaz de fazer.

Tambem se affirma que abordado sobre a fiscalisação eu respondera nada ter com isso, o que é repetido em as «Ultimas palavras».

Ha-de haver aqui, necessariamente um equivoco, bem lamentavel.

Eu posso affirmar que isso é *absolutamente* inexacto. Nem o snr. Angelo *nem qualquer outro amador*, em casa do snr. Alves ou em outra qualquer parte me fallou, mesmo ao de leve n'isso, antes do espectaculo ou durante elle!

No dia do espectaculo pela 1 da tarde o snr. Arthur Ferreira, no seu estabelecimento, perguntou-me se eu sabia o que havia a respeito de fiscalisação, visto que lhe tinham dito que nada estava resolvido. Respondi que nada sabia por isso não ter sido tratado em sessão a que eu assistisse, mas como tinha faltado a 2, ia saber se em alguma d'ellas se resolvera alguma coisa e lh'a communicava.

Foi tudo quanto sobre isso commigo se passou.

Creio, repito, que haja apenas um equivoco, não alteraria eu nunca a verdade dos factos, nem affirmaria o contrario se d'elle não estivesse inteiramente seguro, tanto mais que a ser aquella affirmativa verdadeira isso em nada alterava o meu modo de pensar.

Eu continuaria a julgar-me falto de direito para *na qualidade em que sou atacado* de membro da Executiva, ir fazer a fiscalisação.

Dois pequeninos nadas tambem a rectificar sem d'elles querer fazer defeza: o snr. Dr. Descalço não esteve todo o espectaculo entre scenas a auxiliar os amadores; *eu vi-o todos os actos* sentado no seu logar na plateia; nos entre-actos não sei.

Se ao snr. Abragão serve de justificação o estar de luto, esqueceram-se certamente que eu o estava tambem e bem recente e o quebrei *apenas* por serem os espectaculos em beneficio da Misericordia, abstendo-me até por completo das brincadeiras carnavalescas.

Ha em tudo um ponto verdadeiro: eu ter achado o espectaculo pouco interessante; não o nego. Já não é o dizer-se que pedi jornaes a *varias pessoas;* apenas o fiz ao meu visinho de camarote e amigo Dr. Salviano Cunha, em voz baixa e para fazer espirito, n'uma troca de gracejos que entre nós havia sobre o espectaculo e que me revelou uniformidade de pensar.

Fui infeliz no gracejo, confesso-o; mas quem o não terá sido?

Ainda hoje — não m'o levem a mal—continuo a fazer o mesmo juizo sem desprimor para os amadores e sendo-o unicamente para os auctores das peças.

Apesar d'isso invóco o testemunho de quem levou aos amadores a *grata nuova* da minha apreciação e que naturalmente me espiou todos os movimentos para prova de que, invariavelmente, embora nem sempre sentidamente, eu palmeei os actores-amadores no fim dos actos.

Não será isto verdade?

Não é defeza porque continuo coherentemente a imaginar que tendo pago o camarote e não era um membro da Executiva e portanto apenas um méro espectador com direito d'applaudir e—porque se tratava d'amadores—com o dever de cortezia não patear se elles o merecessem, o que aliás se não deu.

E' certo que n'um jornal leio que *individualmente ou seja fóra das sessões* (sic) não *podem* (os membros da Executiva) *proceder de maneira differente.*

Creio que se refere aos actos a que fóra das sessões assista *qua tal*, e então perfeitamente d'accôrdo.

Se não é isto, inteiramente em desaccôrdo. Ninguem me exija que quando faço um negocio particular ou soffro um agravo ou me prejudique ou me não de - aggrave porque esse individuo é um bemfeitor da Misericordia!

Nunca o fiz, não o faço, nem o farei e apesar d'isso não peço a exoneração do meu logar: 1.º porque se não deu a hypothese em que isso é aconselhado—agravar alguem; 2.º porque a consciencia me diz que o não devo fazer; 3.º porque se o meu pensar é errado, ha-de haver entre 25 membros da commissão preparatoria (excluo os 2 visados) quem me indique ser esse o caminho util á Misericordia; e então não hesitarei.

Creio não ter abusado da situação favoravel que os amadores me deixaram de ser o ultimo a fallar; creio ter provado que se particularmente fui descortez o que se não affirma, officialmente me não desviei do que suppuz—bem ou mal ser o meu dever.

Que razões podia eu ter para agravar os amadores? Nenhumas e isso deveria ser uma prova de minha boa-fé.

Muito propositadamente deixei para o final a parte mais sympathica de tudo isto.

Na 1.ª communicação, os signatarios afirmam o proposito tomado, de não dar mais espectaculos para a Misericordia o que era lamentavel e seguramente um caminho errado; pelo menos eu tambem suppuz que o affirmavam.

Felizmente em resposta ao snr. dr. Fidalgo, seguem, ao que me parece, outro caminho, fazendo-me, com muito prazer, suppôr que errei o meu juizo.

Bem está; creio por isso que não duvidará ninguem—amadores ou não—d'acorrer ao appello para que postas de parte questões que só podem prejudicar, trabalhemos todos, como até aqui na realisação do nosso desejo commum: implantar e fazer prosperar a Misericordia.

Ovar, 1 de junho de 1909.

Pedro Chaves.

SUBSCRIPÇÃO

Para as vitimas da catastrofe ribatejana

«A Patria» solidariesando-se com o sentimento nacional pela catastrofe de Benavente, Salvaterra e outras povoações, abre nas suas colunas uma subscrição a favor das vitimas da horroroza desgraça, apelando para a justa piedade dos ovarenses. Fica assim aberta a subscrição:

Transporte. . . .	25$200
Anonymo	200
	25$400

Por um anonymo nos foi entregue tambem 17 camisas de linho para homem e 1 toalha tambem de linho.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Tem passado incommodada de saude a snr.ª D. Julia Chaves. Desejamos á illustre enferma o completo restabelecimento.

—Chegaram na semana passada a esta villa, de regresso de Davos Platze (Suissa) a snr.ª D. Maria Barbara Barbosa de Quadros e o snr. Antonio Soares Balreira.

—Regressaram domingo da Figueira da Foz e outras terras em que foram passar a lua de mel, o snr. Antonio Valente Compadre e esposa.

—Cumprimentamos domingo entre nós, onde veio de visita com sua esposa, o snr. Bernardo Barbosa de Quadros, distincto official d'artilharia.

—Aggravaram-se os padecimentos do snr. José Luiz da Silva Cerveira, a quem desejamos rapidas melhoras.

—Vindo de Santos, chegou ha dias a esta villa com sua esposa o snr. Antonio Soares de Souza.

—Tem experimentado melhoras na sua doença o nosso considerado e estimado amigo Ex.mo Snr. Manoel Serra, muito digno chefe da estação dos caminhos de ferro, n'esta villa.

Festividade

Com dois magnificos dias se realisou no logar de S. Donato, domingo e segunda-feira, a festa em honra da Senhora da Ajuda, na qual tomaram parte a philarmonica Ovarense d'esta villa e a do Souto, que se houveram bem.

Teve numerosa concorrencia, especialmente no arraial nocturno de domingo, para o que naturalmente contribuiu o bello tempo que fez.

Recenseamento

Termina hoje o praso para as reclamações sobre o recenseamento eleitoral, por isso lembramos mais uma vez aos nossos correligionarios que até ás 3 horas da tarde podem reclamar sobre o assumpto, dando-se qualquer esclarecimento no Centro Republicano.

Calor

No domingo passado, 30 de maio, fez-se sentir n'esta villa um calor excessivo, chegando o thermometro a acusar 27 graus á sombra.

Em contra posição na terça-feira desencadeou-se uma fortissima nortada, baixando bastante a temperatura.

Pedro Chaves e familia veem por esta fórma agradecer a todas as pessoas que os cumprimentaram, resalvando assim qualquer falta involuntaria que porventura tenham tido.

---

(12) **FOLHETIM**

Camilo Castelo Branco

A Brazileira de Prazins

D. Andreza, escandalizada, cortava lhe os voadouros perguntando-lhe se a separação judicial poderia dar meios de subsistencia a Honorata. O bacharel, muito abstrato, parecia esquecido do codigo. O estado da sua alma não lhe consentia folhear a infame proza com mão jurisperita.

—Que havia de estudar a questão; mas que lhe parecia que ela, requerendo o divorcio, apenas tinha alimentos por não ter trazido nada ao cazal. Estas frazes eram mastigadas com um tedio, um engulho, como se, depois de declamar uma contemplação de Lamartine, tivesse de recitar dois paragraphos da lei de emfiteuse.

D. Andreza era senhora ajuizada, muito séria, educada no convento de Vairão; tinha missa em casa, e escrevia cartas a diversas freiras, pondo sempre no alto do papel: *Jezus, Maria, José.* Andava nos trinta e cinco anos, muito limfatica e um grande horror aos vicios da carne. O mano Adolfo conhecia-lhe a indole. Não podia esperar d'ela aplauzo, nem sequer condescendencia, e muito menos auxilio á sua afeição a mulher casada. Andreza concordava com o irmão na formosura de Honorata; mas observava com um rizinho malicioso que o não chamára para saber se a sua amiga era bonita ou feia; mas sim para aconselhal-a e dirijil-a na separação do marido por justiça.

O doutor Adolfo absteve-se de entuziasmos, e poz-se a estudar a questão, em conferencias com o Bento Cardoso, de Guimarães, e o Torres e Almeida, o Rasqueja de Braga, dois chavões. Mas o que ele queria era corar as delongas nos Pombaes, ganhar tempo, a salvo das suspeitas da mana e do seu capelão, um realista finorio que sabia da póda, e trazia a pedra no sapato, disia, cacarejando uma rizada velhaca—e conhecia até onde podia chegar a frajilidade de um homem sem solidos principios de relijião, estragado por essas nações.

D. Andreza andava assustada porque o mano nem ia para Amarante nem dava andamento ao processo. A Honorata aparecia-lhe radioza, com um grande esmero no trajar, vestidos fora da moda, mas elegantes, ricos, de mangas perdidas, com uns decotes que punham nos olhos do capelão luzernas esquizitas, escrupulos. Adolfo era discreto na prezença da mana. Contava as suas viajens, durante a emigração, citava nomes de literatos desconhecidos á fidalga, seus amigos intimos em Pariz; ai! Paris!—exclamava.—Se eu então me passaria pela mente que havia de vir de Pariz para Amarante!

Ele porta-se muito serio —dizia D. Andreza ao padre Rocha. Ela é que me parece mais levantada, muito azevieira, não acha?

Acho, acho, . . . confirmava o capelão.

D'aqui rebenta coisa, minha senhora; rebenta, V. Ex.ª verá. . .

E, com efeito, estava a rebentar, na fraze exploziva do padre Rocha. O delegado tinha correspondencia diaria com Honorata, mediante uma cazeira de sua mana, irmã de uma creada do Cerveira Lobo. Cartas incendiarias escriptas durante a noite trocavam-se de manhã, quando o Adolfo saía a respirar os balsamos das ribanceiras orvalhadas.

A's vezes, subia a encosta até á crista do monte do castelo de Vermuim. D'aqui avistava-se por sobre as selvas verdes de carvalheiras e pinhaes a vasta casaria pardacenta de Quadros, com dous torreões denticulados. No andaime de um dos torreões via-se um vulto branco, com o braço amparado em uma das ameias, e a cabeça encostada á mão como nas baladas de Baour Lormiam. Era Honorata, com o binoculo assestado na fraga onde estava Adolfo, alaranjado pela primeira resplandecencia do sol nascente.

Ao cabo de duas semanas, saíram dos dominios da balada. Uma noite, partiram de Guimarães, caminho do Porto, dois cavalos do Gaitas, e pararam na ponte de Brito. Um dos cavalos era arreiado com selim de senhora. Por volta da meia noite, Adolfo e Honorata, n'um passo miudo, com uma anciedade mixta de exultação e de susto, chegaram á ponte de Brito. Ele ajudou-a a sentar-se na sela; cavalgou, disse aos dois arrieiros o seu destino, e partiram a trote largo.

TANOARIA

E

ARMAZENS DE VINHOS

PARA

Consumo e exportação

DE

Carrelhas & Filho, Suc.or

Grande deposito dos seus conhecidos vinhos--CELESTE (clarete), VIRGEM BAIRRADA (encorpado), VERDE DE CAMBRA e SUPERIOR BRANCO.

Alcool; aguardentes de vinho, figo e bagaceira; geropigas finas e baixas.

FINOS VINAGRES TINTO E BRANCO

Na sua "Tanoaria,, faz, toneis, pipas, quartolas, barris de quinto, decimo, vigesimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

RUA DAS FIGUEIRAS

OVAR